



Por uma indisciplinaridade sociossemiótica: construindo uma interface teórico-analítica entre a Linguística Sistêmico-Funcional e a Linguística Aplicada

Towards a socio-semiotic indisciplinarity: constructing a theoretical-analytical interface between Systemic-Functional Linguistics and Applied Linguistics

Diego Candido ABREU*

RESUMO: O objetivo principal deste artigo é construir uma proposta de diálogo teórico-analítico entre a Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994) e a Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2013). Para tanto, delineiam-se as bases epistemológicas e conceituais que estruturam ambas as áreas, colocando em destaque a visão de linguagem advogada por cada um dos campos do saber. À luz desse quadro de ideias e concepções, discutem-se os pontos de convergência e complementariedade entre ambos os arcabouços linguísticos com o fito de erigir os fundamentos de uma interface entre as matrizes teóricas. Após esse percurso de discussões, um exemplo de análise empreendida a partir de uma interface entre a Linguística Sistêmico-Funcional, com o auxílio do Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), e a Linguística Aplicada é apresentado com o intuito de ilustrar o modelo de diálogo defendido e as possibilidades de tal caldeamento. Como evidenciado pela peça analítica iluminada, a articulação entre ambos os cabedais teóricos fornece um ferramental analítico dotado de categorias que, ao mesmo tempo que nos permitem mapear os dados linguísticos com maior grau de sistematicidade, viabilizam o estudo dos fenômenos discursivos para além de sua materialidade linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Sistêmico-Funcional. Linguística Aplicada. Sistema de Avaliatividade. Discurso.

ABSTRACT: The main goal of this paper is to propose a theoretical and analytical dialogue between Systemic-Functional Linguistics (Halliday, 1994) and Indisciplinary Applied Linguistics (Moita Lopes, 2013). In order to do so, the epistemological and conceptual bases structuring the areas are outlined, being highlighted the view of language advocated by both fields. Based on this framework of ideas and conceptions, the convergences and complementarities between both linguistic frameworks are discussed with the aim of establishing the foundation for an interface between both theoretical lines. Being covered this pathway of discussions, an analytical example using the interface between Systemic-Functional Linguistics, with the aid of the Appraisal System (Martin; White, 2005), and Applied Linguistics is presented in order to illustrate the dialogue model advocated in the

* Doutor em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. diegocurciodeabreu@gmail.com

paper and the possibilities of this entanglement. As evidenced by the analytical work highlighted, the intertwining between both theoretical frameworks offers an analytical toolkit composed of useful categories that can map the linguistic data with high level of systematicity and, at the same time, make viable the study of discursive phenomena beyond its linguistic materiality.

KEYWORDS: Systemic-Functional Linguistics. Applied Linguistics. Appraisal System. Discourse.

Artigo recebido em: 26.01.2024

Artigo aprovado em: 12.08.2024

1 Introdução

“Tudo que escapa a tal esfera, tudo que excede a tais delineamentos e raias não é Direito, não é fenômeno jurídico, e deve ser estudado noutra domínio das ciências sociais” (Pontes de Miranda, 1980, p. 157). Com essas palavras rigorosas, o celebrado jurista brasileiro, Pontes de Miranda, delimitava em meados do século anterior as fronteiras que distinguem o campo jurídico do Direito das demais áreas do saber científico. Tamanha inflexibilidade epistemológica não era exclusividade do pensador alagoano. Octávio Ianni, outro nome que frequenta o panteão da intelectualidade nacional, ao comentar o estilo ensaístico da sociologia de Gilberto Freyre, evidencia sua aversão a tal intromissão literária nesse campo científico:

Enquanto nas investigações empíricas a fluidez da linguagem vai (...) enriquecendo a reconstrução descritiva, em ‘Sociologia’, esses recursos perturbam o entendimento de proposições que, por definição, devem ser precisas, exatas, desataviadas (Ianni, 1958, p. 356).

Porém, mesmo em momentos em que a ideologia da separação absoluta entre as diferentes áreas do saber gozava de prestígio quase hegemônico no meio acadêmico nacional, a defesa do puritanismo científico em terras brasileiras não se deu de maneira incontestada. O próprio Gilberto Freyre, alvo do fêl crítico de Ianni, produziu sua resposta aos defensores do purismo científico:

Os devotos da Sociologia apenas quantitativa ou matemática, ou da história apenas cronológica e descritiva, são hoje sebastianistas à espera de algum D. Sebastião que sob a forma de novo Bacon restaure

nos estudos sociológicos e nos históricos, o prestígio absoluto do Número ou do Fato Puro (Freyre, 2002, p. 678)

A polêmica resgatada nas linhas introdutórias deste escrito visa situar historicamente o empreendimento teórico aqui ambicionado. A disputa entre visões puristas de ciência e concepções mais oxigenadas e democráticas de fazer científico faz parte da própria trajetória de desenvolvimento desse modo de produção de conhecimento em todas as plagas do planeta, não sendo o Brasil uma exceção.

No campo multidisciplinar dos Estudos Linguísticos, o debate em torno da delimitação científica desse domínio do saber também se mostra duro e prolongado. Enquanto Saussure (2005), em seu Curso de Linguística Geral, elege *la langue* como o objeto de estudo do campo e, por conseguinte, como eixo em torno do qual a nascente área do saber deveria se organizar, seguidores do mestre genebrino, como Benveniste (1989), percebiam no enlace entre *langue* e *parole* a verdadeira esfinge a ser perseguida pelos linguistas.

O campo da Linguística Sistêmico-Funcional, de interesse mais pronunciado a este escrito, ainda que tributário de alguns dos princípios fundadores da ciência linguística, organiza o horizonte de investigações em torno de balizas diferentes. Como aponta Halliday (1994), liderança intelectual da escola de pensamento em tela, concebe o fenômeno da linguagem como um sistema de recursos para a construção de significados, sendo o objeto de estudo do linguista o conjunto de inter-relações patenteadas por essa rede de possibilidades ofertadas por cada língua para a viabilização da expressão experiencial e da interação interpessoal. O modelo sistêmico-funcional prescreve uma organização da linguagem como uma rede de sistemas, dentre os quais destacamos o Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), empregado neste estudo como um ferramental analítico.

No terreno mais microssituado da Linguística Aplicada, também caro a este artigo, o debate cartográfico em torno do estabelecimento dos princípios fundadores e do horizonte de interesses da área também se fez premente. Como assinala Amorim

(2009), o surgimento do rincão do saber em tela está intimamente vinculado à necessidade de desenvolvimento de métodos mais eficazes de ensino de línguas não-maternas, sendo a Linguística Aplicada concebida, nesse momento inicial, como a aplicação de conhecimentos linguísticos para esse fim prático. Tal missão fundadora serviu como raia demarcatória para o campo durante grande parte de sua juventude, balizando a sua trajetória por esse caráter instrumental e pedagogicamente constricto.

Contemporaneamente, a Linguística Aplicada já se consolidou como uma escola investigativa cujo rol de interesses de pesquisa já ultrapassa em muito o espaço da sala de aula – ainda que deste ela jamais tenha se desvinculado por completo (Moita Lopes, 2006). Contudo, distintas vozes, tanto dentro quanto fora desse grêmio científico, ainda tentam demarcar fronteiras rígidas para a atuação dos pensadores afiliados a tal grupo, impondo-lhes um ferrolho teórico-metodológico que empobrece sobremaneira as possibilidades de confecção de entendimentos no terreno da Linguística Aplicada. Widdowson (2000), por exemplo, insiste em defender a existência de uma Linguística Aplicada autônoma, que ainda manteria sua cartografia original, restrita ao campo do ensino de línguas não-maternas. A posição do autor tem como base uma visão limitada do espectro de atuação do campo científico em tela, atribuindo-lhe uma função meramente acessória, como um subsídio a outras áreas do saber.

O presente artigo, integrando-se à discussão aqui sumarizada, tem como objetivo precípua construir as bases conceituais de um diálogo teórico-metodológico entre duas áreas distintas do macrocampo dos Estudos da Linguagem: a Linguística Aplicada, em sua concepção mestiça e indisciplinar (Moita Lopes, 2013) e a Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994). O caldeamento de ambas as concepções teóricas anseia sedimentar as bases de um modelo de escrutínio discursivo que, dispondo de meios analíticos para flagrar na concretude da língua a emergência dos fenômenos sociais, políticos, culturais e *tutti quanti* investigados, consiga transcender a

categorização de dados linguísticos, propondo sentidos mais amplos para os entendimentos analiticamente gerados.

Almeja-se, portanto, compor um ferramental teórico analítico capaz de operar dialeticamente na articulação entre a materialidade do discurso, que sedia os fenômenos de interesse das pesquisas na área, e a complexidade da vida humana, que se enredeia de formas múltiplas pelas mais distintas áreas do saber. Sendo o discurso parte inerente da experiência humana em sociedade, dispor de modelos teórico-analíticos capazes de devassar a miríade de sentidos construídos no emprego da linguagem sem perder o contato com os desdobramentos sociais, antropológicos, políticos etc. de tais significações torna-se um importante recurso de geração de saberes sobre o mundo contemporâneo.

Com o fito de viabilizar o objetivo anunciado no parágrafo anterior, o presente artigo se estrutura da seguinte forma. Após esta seção introdutória, apresentam-se os fundamentos teórico-metodológicos e os conceitos basilares de ambos os campos do saber cujo diálogo se ambiciona aqui estabelecer: a Linguística aplicada Mestiça (Moita Lopes, 2013) e a Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994). Em seguida, dedica-se uma seção para explicitar os pontos de convergência e complementariedade entre ambos os sistemas de ideias. Adiante, traz-se um exemplo de análise de caráter linguístico-discursivo produzida a partir do caldeamento entre ambos os modelos de inteligibilidade. Ao fim, tecem-se algumas considerações acerca da proposta de articulação teórico-analítica intentada neste escrito.

2 Mestiçagem e criticidade: a Linguística Aplicada brasileira como uma escola de pensamento indisciplinar

O surgimento da Linguística Aplicada (doravante LA) como escola de pensamento independente não está vinculado a nenhuma data ou efeméride específica. Contudo, seu nascimento está intimamente vinculado ao contexto da Segunda Grande Guerra e ao esforço dos países constitutivos do bloco aliado – com

destaque aos Estados Unidos – de formar militares capazes de se comunicarem em idiomas diversos, empregando-se o material didático disponível na época (Pennycook, 2001).

Esses recursos advinham quase que exclusivamente do acervo científico da Linguística, composto a partir dos trabalhos de pensadores como Saussure (2005), Hjelmslev (1971) e Benveniste (1989). O resultado desse empreendimento pedagógico foi a criação e o aperfeiçoamento de métodos, outrora inovadores, de ensino-aprendizagem de línguas não-maternas, como o audiolingual (Leffa, 1988). Após esse primeiro momento de dependência prática perante o campo da Linguística teórica, como um braço de aplicação pedagógica de tal área, a LA, nas décadas de 1960 e 1970, estabeleceu suas primeiras interfaces de diálogo e troca com outras áreas das ciências sociais, que encontravam no nascente campo do saber um cabedal de conceitos e ideias úteis para a compreensão da forma como os diferentes fenômenos da coletividade humana se fazem patentes na linguagem (Amorim, 2009).

O intercâmbio cada vez mais frequente entre a LA e os outros domínios do conhecimento distintos à Linguística teórica paulatinamente fomentou a cisão interna da área. Contrapunham-se, assim, os defensores do caráter exclusivamente pedagógico da LA, como aplicação da Linguística, aos autores que atribuíam a esse novo campo científico diferentes ambições e matrizes de interesse. O resultado desse choque de visões foi o desenvolvimento de uma clara ruptura dentro dessa escola de pensamento, representada de maneiras diversas pela literatura que a documenta.

Widdowson (2000), por exemplo, entende que a antiga LA se bifurcou em dois subcampos distintos: Linguística Aplicada (*Applied Linguistics*) e Linguística Aplicada a (*Linguistics Applied to*) (Miller, 2013). Markee (1990), em contrapartida, não vê uma divisão estrita dentro do terreno epistemológico em destaque, mas apenas uma estratificação à luz de predileções investigativas. Haveria, portanto, uma versão forte da LA (buscando independência da matriz exclusivamente pedagógica e vinculada à

Linguística Canônica) e uma versão fraca, satisfeita em aplicar ao ensino de línguas não-maternas os saberes de outras plagas dos Estudos da Linguagem.

Enquanto nos países do Atlântico-Norte a trajetória de afirmação da LA como uma disciplina autônoma foi paulatina, em terras brasileiras, a história dessa área do saber se inicia com uma efeméride importante: o surgimento do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na PUC-SP no final da década de 1970. Vinculada ao empreendimento pedagógico acima assinalado, uma obra de grande importância para a LA no Brasil foi publicada nos pródromos da LA brasileira (Celani, 1992), colocando em perspectiva a crise existencial da área e advogando pela sua soberania.

Conforme assinalado pela referida autora (Celani, 1992), ainda que muitos linguistas aplicados mantenham um horizonte de interesses que perpassa o terreno da sala de aula de línguas, o conjunto de agendas de pesquisa e afiliações teóricas inerentes à LA já lhe serve de credencial para pleitear seu estatuto de autonomia como campo do saber.

Ademais, continua Celani (1992), mesmo os pensadores ligados de maneira mais profunda ao espaço pedagógico se beneficiam do espraiamento das fronteiras da LA; afinal, a sala de aula não se encontra isolada do restante da sociedade, sendo a compreensão dos fenômenos de relevo em tal espaço subordinada a um entendimento mais amplo das relações humanas.

Ainda que a LA buscasse formas de autonomização perante seu berço canônico, sua dependência das matrizes teóricas da Linguística tradicional, em termos práticos, mantinha-a como uma sucursal. Contudo, a partir do fim da década de 1980, uma nova corrente de pensamento começou a ganhar musculatura dentro do campo, tendo como marcas mais importantes a densidade teórica, o eclecismo e a radicalização política. Essa tendência emergente, devido ao seu caráter politicamente militante e crítico, foi alcunhada de (in)disciplinar (Moita Lopes, 2006). A indisciplinariedade da LA reside em sua contestação a uma série de pilares constitutivos do método científico

tradicional nas ciências sociais, cujos fundamentos foram sistematizados pelos lógico-empiristas (Popper, 2013).

Esse mosaico de divergências tem sua síntese nos princípios epistemológicos da LA indisciplinar, propostos pelo autor mencionado acima. Na visão de Moita Lopes (2006), uma das colunas teórico-epistemológicas da LA indisciplinar é sua aversão a algumas das dicotomizações fundantes da ciência moderna: as oposições entre teoria-prática e sujeito-objeto. Agir no mundo significa fazê-lo com base em algum tipo de concepção teórico-ideológica; portanto, toda prática está assentada em algum tipo de teoria.

Outrossim, as categorias de sujeito e objeto também são indissociáveis, pois todo objeto é, em algum aspecto, sujeito; e todo sujeito pode ser tratado por outrem como objeto. Ademais, a separação estanque entre sujeito-objeto tem o fito de anular a subjetividade do(a) pesquisador(a) engajado(a) no trabalho de pesquisa, diluindo o seu teor político e afetivo, inerentes a qualquer atividade humana.

Sendo a neutralidade científica e a objetividade absoluta, pedras de toque do método científico moderno, tratados como objetivos impossíveis e indesejáveis do fazer científico para a LA, postura similar é adotada em relação ao ideal da isenção política. Como asseverado por Freire (1987), todo fazer humano possui um caráter político, sendo a arena intelectual um dos *loci* em que essa regra se manifesta de maneira mais candente. Conforme observado por Moita Lopes (2006), o mito da imparcialidade científico-política promoveu um espírito conservador e conformista no meio acadêmico, condenando os cientistas à inação em nome da etiqueta científica. Outro brocardo do campo intelectual, o apartamento do analista de seu contexto de análise, teve como resultado apenas o silenciamento dos participantes das pesquisas, transformados em meras fontes de extração de dados – quando não em cobaias humanas.

Ancorado no conjunto de balizamentos teórico-políticos apresentados nos parágrafos anteriores, fundadores da LA indisciplinar contemporânea, podemos

estabelecer as bases epistemológicas e metodológicas da área. A primeira é a superação crítica do mito moderno da existência de uma verdade absoluta. Mais do que simplesmente defender diferentes formas de pirronismo ou ceticismo, os pensadores ligados à Linguística indisciplinar colocam em xeque a própria noção de Verdade e seus pressupostos, como a existência ontológica de um ser e de essencialidade eterna e transcendental.

Diferentes são as formas como os autores integrados à escola da LA se insurgem contra a ideologia platônico-moderna da Verdade. Moita Lopes e Freitas (2019), para citar um exemplo, apoiam-se na noção de lógica *as if* (Butler, 2004) para alçar à posição de proa nossas vivências subjetivas com as coisas do mundo, sendo tais experiências mais significativas do que a suposta objetividade da realidade. Abandona-se, portanto, a rigidez da essência do real em nome dos nossos afetos em cada um de nossos encontros com o mundo. Sai de cena o mundo abstrato de conceitos objetivos e entra em cena o nosso saborear da vida em suas idiossincrasias.

Fabício (2017), partindo da mesma abordagem teórico-epistemológica, se apoia na noção de “fabulações oníricas” em uma tentativa de contestar a chamada “lógica da dupla definição”, entendendo tal concepção de mundo como uma armadura ideológica que sustenta modelos de inteligibilidade colonizadores e opressores das nossas afetividades e experiências. Busca-se, assim, uma visão ontológica da realidade em que a subjetividade individual seja contemplada e acolhida, em vez de ser suprida e tratada como uma distorção maculadora da castidade conceitual do objeto.

O segundo pilar que sustenta o sistema teórico-epistemológico da LA é o seu experimentalismo e sua promiscuidade metodológica. Apesar de o senso comum tratar esses adjetivos com rejeição, a promiscuidade designa algo que se mistura, tornando-se heterogêneo e sincrético. Portanto, o caráter intrinsecamente indisciplinar da LA mestiça tem no desapego e na infidelidade ideológica condições indispensáveis. Tal postura abre novas frentes de geração de conhecimento e novas modalidades de reflexão, olhadas com desdém pelo cânone da epistemologia moderna.

Em meio à pluralidade de ângulos e percursos investigativos cobertos pelos autores integrados à escola da LA, há três elementos comuns que conferem algum grau de unidade indisciplinar ao campo. Estes são: o espírito militante, a predileção pelas margens e excentricidades e o compromisso politicamente militante com a defesa de agendas e pautas tradicionalmente excluídas do cardápio de preocupações da ciência canônica.

Apresentados os princípios epistemológicos que orientam o campo da LA assentados na negação da noção idealizada de Verdade e na promiscuidade teórico-metodológica, podemos passar para o segundo componente do diálogo que se intenta estabelecer neste artigo: a Linguística Sistêmico-Funcional. Abordaremos, nas páginas seguintes, a fundamentação teórica do referido campo e seus pilares conceituais.

3 Significado, discurso e experiência: a Linguística Sistêmico-Funcional e a concepção sociosssemiótica de linguagem

Todo o complexo e intrincado arcabouço teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), dotado de múltiplas sistematizações, está sustentado em dois pilares fundamentais: as noções de linguagem e de significado advogadas por essa escola de pensamento. De modo esquemático, o modelo de linguagem avançado por Halliday (1994), liderança intelectual da LSF, estabelece uma interface entre a tendência funcionalista de vincular a linguagem à experiência humana no mundo e a visão sistematizante e abstracionista que orienta o pensamento de alguns dos grandes nomes da ciência linguística, como Saussure, Hjelmslev e Jakobson.

Apesar das semelhanças formais com os modelos de linguagem canônicos do campo da Linguística, há dois elementos importantes de divergência entre a concepção linguística hallidiana e suas contrapartes. Primeiramente, no arcabouço da LSF, torna-se inconcebível olhar para a língua como um sistema fechado, organizado em torno de si mesmo. A linguagem é um desdobramento da sociedade e da vida humana, sendo a sua caracterização como uma teia de inter-relações entre signos uma distorção de sua função fundamental de mediar a ação social dos sujeitos no mundo.

O segundo ponto de afastamento, desdobramento do primeiro, é a rejeição da separação saussureana entre *langue* e *parole*, insurgindo-se contra o languencentrismo dos estudos da linguagem. Ilustrando esse desejo de reconciliar os dois eixos fundadores da língua, Halliday (1994, p. 16) descreve a linguagem como “uma rede sistêmica geradora de significado.” Tal definição sintetiza os dois pontos centrais da concepção linguística que baliza a LSF: por um lado, a linguagem é entendida como um sistema (uma teia de inter-relações sintagmáticas e paradigmáticas); por outro, sua natureza sistêmica se alicerça em sua função social: gerar significados, ou seja, pontos de interface entre experiência e discurso (Vygotsky, 1994 [1934]). Eis a explicação do caráter sistêmico-funcional que se atribui ao modelo teórico em tela.

No que diz respeito à noção de significado, Halliday (1994) a constrói com base em uma leitura aguçada da psicologia sociocultural, em especial, dos escritos vygotskianos. Contudo, Halliday e seus alunos vislumbram o fenômeno semântico à luz de uma lente linguística, sofisticando a compreensão da noção de significado para além de seu poder de mediar vivência e linguagem.

Concebe-se o significado no terreno da LSF não apenas como uma forma de representação da vida psíquica e signos comunicáveis, mas também como uma ferramenta de integração intersubjetiva adequada ao horizonte de possibilidades e limitações de cada idioma. As três facetas sociossemióticas do significado se inscrevem no modelo semântico trinitário proposto por Halliday e seus epígonos, subdividindo o significado em três metafunções: ideacional, interpessoal e textual (Halliday, 1994)

O significado, em seu matiz ideacional, consigna em discurso a experiência do sujeito no mundo, tornando-a exprimível e compartilhável com outrem. Em sua apresentação interpessoal, o significado viabiliza a comunhão social e o anelo humano de compreender e se fazer compreendido por seu similar, mediando as subjetividades envolvidas no encontro interacional em uma relação de troca e construção conjunta de significação (*meaning-making*). Por fim, o significado, em seu aspecto textual, converte

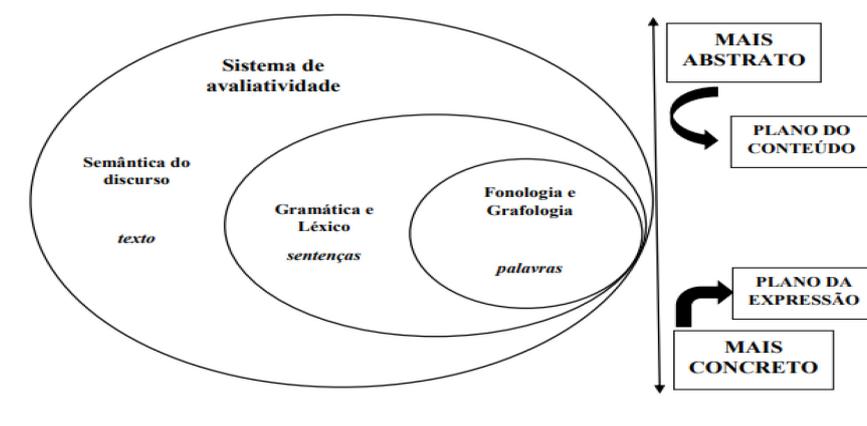
a vida semântica em texto, ou seja, transforma um objeto psicológico difuso, disperso e efêmero em uma unidade linguística organizada, sistematizada e duradoura.

Sendo a linguagem um sistema de concretização de nossas experiências e inter-relações pessoais em instâncias linguísticas, ela estabelece um sistema de mediação que estrutura todo o processo de produção da linguagem. Esse canal mediador se inicia no significado, elemento abstrato que sintetiza a experiência em uma forma simbólica exprimível (Vygotsky, 1994 [1934]), até os símbolos gráficos e fônicos desenvolvidos em cada língua para incorporar essas entidades semânticas.

Em vez de pensar essa dualidade significado (abstrato) e som/letra (concreto) de maneira dicotômica e absolutizante, a LSF opera com a noção de contínuo de realização, que nos permite articular a imaterialidade dos significação até a materialidade dos sons emitidos pelo falar e dos símbolos plasmados na escrita. Um desses sistemas que se decodificam nessa sequência de realizações é o Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), que será abordado em maior minúcia adiante neste artigo.

Introduz-se, assim, uma sistematização mais operacional de linguagem: um sistema gerativo codificado (ou decodificado, dependendo da perspectiva adotada) em outros sistemas numa dinâmica de cascata (descendente/ascendente) de transições do polo mais abstrato ao polo mais concreto ou vice-versa (Halliday, 1994). A figura abaixo ilustra essa dinâmica de realizações:

Figura 1 – Contínuo de realização da linguagem.

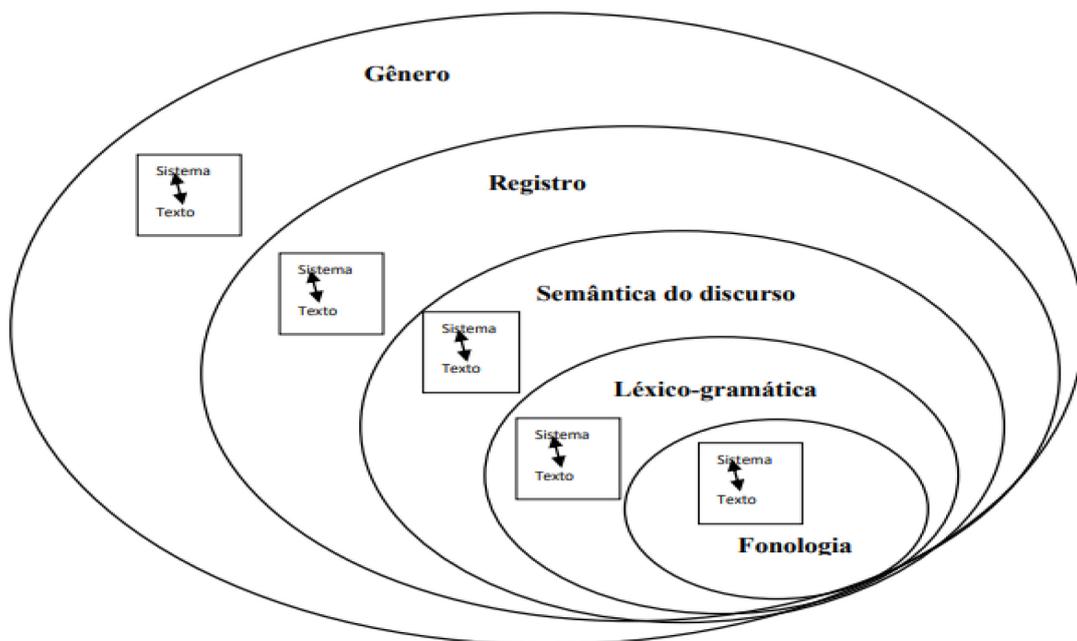


Adaptado de Nóbrega (2009)

A visão de linguagem como uma cascata de (de-)codificações nos leva a entender esse fenômeno a partir de uma organização estratificada. Porém, a estratificação em cascata não é a única forma de estruturação preconizada pelo modelo teórico da LSF. Como já assinalado, para Halliday (1994), os significados possuem três facetas constitutivas: ideacional, interpessoal e textual.

Ao romperem o nível psicológico e desaguiarem na língua, esses aspectos formadores do significado se articulam em metafunções (Halliday, 1994), que atravessam e organizam todos os estratos da linguagem. Nessa complexa estrutura formada por estratos e metafunções, o sistema conceitual da LSF abrange elementos inerentes ao contexto imediato que dá sede à interação e ao ecossistema cultural que lhe serve de pano de fundo. Esse modelo teórico possui a seguinte representação gráfica.

Figura 2 – Contínuo da realização dos estratos linguísticos e extralinguísticos em relação com a instanciação¹.



Adaptado de Hao (2020)

¹ A noção de instanciação `aluz do arcabouço teórico da LSF refere-se à materialização textual singular de um determinado fenômeno linguístico ou sistema de organização da linguagem à luz de uma relação entre concretude-abstração.

A figura 2 nos auxilia a compreender o emaranhado de estratos e metafunções constitutivos do complexo da linguagem à luz da teoria da LSF. O primeiro estrato, no polo mais concreto do sistema, é o grafo-fonológico. Na oralidade, esse estamento estrutura e sistematiza o tom da voz, o ritmo, a melodia prosódica e os fonemas na formação das sílabas.

Nos textos escritos, os elementos organizados e integrados por tal estrato são as letras, a pontuação, a tipologia e a caligrafia, formando unidades intermediárias que desaguam em sentenças (Martin; White, 2005). No próximo andar de abstração, encontra-se o nível léxico-gramatical. Tal estrato recodifica os elementos empírico codificados pela grafo-fonologia, porém em um modo mais abstrato, que trabalha com categorias como sentenças, palavras, funções e estruturas.

O estrato seguinte na escada abstrativa do modelo hallidaiano é a semântica do discurso, o nível intralinguístico mais abstrato no sistema da LSF. Como assinalado por Halliday e Matthiessen (2014), a sua característica mais importante é codificar formas de significação capazes de transcender o nível da oração. Há, nesse sentido, um salto abstrativo evidente entre a semântica do discurso e a lexicogramática, sendo a segunda responsável por sistematizar em código unidades linguísticas representáveis (oração, frase, sintagma etc.) e a primeira responsável por operar com o significado em sua fase pré-linguística. Além disso, a semântica do discurso se capilariza em uma série de subsistemas, que mapeiam as diferentes regiões semânticas de cada língua à luz da divisão funcional estabelecida pelas metafunções que a constituem: textual, ideacional e interpessoal.

A ascensão abstrativa seguinte no contínuo de estratos preconizado pela LSF marca um salto qualitativo do plano intralinguístico para o extralinguístico, sendo o entorno situacional e cultural também instâncias de codificação dos significados que se realizam na linguagem. Nesse modelo pluriestratal, o contexto de situação é retratado a partir da categoria de Registro, subdividida com base em cada uma das

metafunções da linguagem em Campo do discurso (ordem ideacional), Relações do discurso (ordem interpessoal) e Modo do discurso (ordem textual).

Segundo Halliday e Hasan (1976, p. 12), o campo do discurso “se refere ao que está acontecendo, à natureza da ação social que está ocorrendo: no que os participantes estão engajados”. A região das Relações do discurso, por sua vez, “se refere a quem está tomando parte, à natureza dos participantes, seus estatutos e seus papéis”. Finalmente, o Modo do discurso “se refere ao papel que a linguagem está desempenhando, o que os participantes esperam que a linguagem faça por eles na situação”.

A última parada no modelo de linguagem da LSF é o contexto de cultura. Halliday (1994, p. 21) caracteriza essa dimensão da seguinte forma: “assim como o texto tem o seu ambiente, o contexto de situação (...), o sistema de língua como um todo tem o seu ambiente (...) o contexto de cultura”. Dentro desse arcabouço teórico, o contexto de cultura emerge como a fonte que alimenta a língua.

No modelo de estratos linguísticos hallidaiano, o contexto de cultura é denominado de Gênero, instância definida como “um sistema compreendendo configurações de seleções de Campo, Modo e Relações que se desdobra em estágios recorrentes de discurso – um padrão de padrões de Registro” (Martin; White, 2005, p. 32). Da mesma forma que a cultura sistematiza o horizonte de situações possíveis, o gênero se organiza como um sistema de Registros, os quais, dialeticamente, compõem o quadro geral da cultura e de cada gênero, estabelecendo uma retroalimentação fundamental entre ambos.

Com o detalhamento do sistema estratificado de representação da linguagem, temos um retrato suficientemente expressivo do arcabouço conceitual da área do saber liderada por Halliday. Dispondo de uma visão panorâmica acerca dos fundamentos teóricos e epistemológicos da LA e da LSF, podemos estabelecer as bases do diálogo entre ambos os domínios do pensamento linguístico.

4 Novos tons de mestiçagem: por um diálogo teórico-analítico entre LA e LSF

Halliday (1994) entende que o modelo teórico de linguagem estruturado pela LSF pode ser empregado de três formas distintas: a descrição de línguas reais, a teorização sobre aspectos relativos à linguagem e a análise discursiva (Gee, 2005), que, nesta acepção, significa a análise de fenômenos diversos (sociais, políticos, culturais, econômicos etc.) pelo viés da linguagem. Portanto, além de uma ferramenta para construção de saberes teóricos sobre as diferentes línguas e sobre a linguagem, o arcabouço sistêmico-funcional também foi concebido, por seu grande idealizador, como um instrumento de exame de dados da vida humana em sociedade que se fazem patentes no discurso.

Esse modelo de análise discursiva, que olha para fenômenos supralinguísticos a partir de sua manifestação em dados da linguagem, está assentado em uma abordagem eminentemente dialética, fundada em um olhar que articula os processos sociais, políticos e *tutti quanti* às especificidades da língua, olhando para esses elementos à luz de sua inscrição na linguagem. Logo, trata-se de um tipo de análise que tem como condição *sine qua non* o estabelecimento de um diálogo entre uma teoria linguística, com meios de mapear o discurso em sua materialidade, e aparatos teóricos capazes de flagrar e sistematizar os fenômenos sociais de interesse.

Fora dessa interface multidimensional, a potencial aplicação dos instrumentos analíticos disponibilizados pela LSF perde seu fundamento discursivo, que reside justamente no condão de usar ferramentas de análise linguística para produzir sentidos acerca dos fenômenos do mundo e da vida humana, transcendentais à estrutura da língua – ainda que assentados nela.

À luz dessas pontuações, evidencia-se o enriquecimento que o enlace estabelecido com a LA pode trazer aos estudos discursivos de matriz sistêmico-funcional. Nessa interação, o(a) pesquisador(a) orientado(a) pelo cabedal conceitual da LSF encontrará na LA não apenas um rico aparato teórico desenvolvido com o fito de viabilizar investigações de caráter discursivo, mas também se embrenhará em um

espírito de sincretismo metodológico e ecletismo epistemológico necessário para o engajamento em estudos que se debruçam sobre a complexidade da vida humana conforme plasmada na linguagem. Assim, em sua conversa generosa com a LA, a LSF pode incorporar a abertura à miscigenação de ideias, permitindo que o aparato sociossemiótico de representação e exame da linguagem produza sentidos capazes de apreender em sua devida complexidade os fenômenos da coletividade social.

Enquanto a LSF se beneficia do arcabouço teórico de entendimento do mundo social e do espírito experimentalista da LA, esta pode almejar algo distinto em seu caldeamento com aquela: um ferramental de categorias de análise da linguagem que fornece meios para penetrar na estrutura linguística do discurso, ordenando-o de maneira sistemática e abrangente e, a partir de tal categorização, explicitando os sentidos pertinentes.

Os pensadores(as) que compartilham dos anseios discursivos da LA podem ter ao dispor um fausto de instrumentos analíticos capazes de flagrar na concretude linguístico-textual a materialização discursiva dos fenômenos que lhes interessam. Esses feixes de sentido gerados pelos insumos viabilizados por meio do modelo sistêmico-funcional podem ser empregados segundo os desígnios de cada investigação, enriquecendo a compreensão da esfinge em tela.

Além de benéfica e pertinente, a interface entre LA e LSF é coerente e viável. Mesmo com as diferenças de enfoque e postulação teórica, há convergência ou complementariedade substancial nos aspectos mais importantes para a constituição de ambos os modelos de inteligibilidade linguística. Apesar das especificidades dos dois cabedais teóricos abordados, ambos se distanciam da visão canônica da Linguística, que preconiza as diferentes línguas como sistemas abstratos, deixando em segundo plano o aspecto funcional e social. Portanto, ainda que cada uma ao seu modo, LA e LSF constroem vias de trânsito entre a linguagem e o mundo, olhando para a linguagem de modo discursivo. Metodologicamente, a inclinação crítica e iconoclasta defendida pela LA confere flexibilidade epistemológica e ousadia política ao sistema

de ideias da LSF, enquanto o ferramental de categorias analíticas e descritivas do modelo hallidaiano pode enriquecer o arsenal de meios investigativos disponíveis aos pesquisadores(as) vinculados(as) à LA.

5 A interface posta em prática: uma análise semântico-discursiva orientada pelo diálogo entre LA e LSF

Nas páginas anteriores, foram apresentadas as bases conceituais e epistemológicas para a construção de uma interface teórico-analítica entre a LA e a LSF. Nesta seção, são ilustradas a viabilidade e a riqueza desse arcabouço composto por meio de uma análise de caráter discursivo. Empregam-se, nesse mister, alguns dos instrumentos de categorização linguística disponibilizados pela LSF em articulação com os balizamentos teórico-metodológicos da LA. Mais precisamente, serão utilizados: 1) o Sistema de Avaliatividade, ferramental de análise dos expedientes de construção de valor na linguagem oriundo do arcabouço da LSF; em liame com 2) o entendimento do processo discursivo de construção de identidades preconizado pela LA.

5.1 Ferramental teórico-analítico: o Sistema de Avaliatividade e a concepção não-essencialista das identidades

O Sistema de Avaliatividade (doravante SA) pode ser compreendido como um ferramental de análise linguística dos recursos avaliativos disponibilizados por cada língua para os seus falantes tecerem valor sobre o mundo. O SA nos oferta um mapa didático dos meios de avaliação da linguagem, permitindo que entendamos a função e o significado de cada elemento valorativo nas diferentes interações.

Do ponto de vista estrutural, o SA está integrado ao arcabouço mais amplo da LSF (Halliday, 1994), operando no nível da Semântica do Discurso. Seguindo a lógica do ordenamento em cascatas de sistemas, O SA também está estratificado em três

subsistemas: Gradação, Engajamento e Atitude, dentre os quais apenas o último será utilizado nesta análise.

O Subsistema de Atitude, com o intuito de organizar os recursos avaliativos viabilizados pela língua, nos fornece três categorias: Afeto, Julgamento e Apreciação. O Afeto marca as construções de valor baseadas no emprego de termos ou expressões que remetam ao universo da afetividade humana.

O Julgamento, por sua vez, compreende as valorações cunhadas no domínio da ética e da moralidade, qualificando o comportamento à luz de noções como certo-errado, justo-injusto, bom-mau etc. Por fim, a Apreciação diz respeito às valorações linguísticas produzidas no terreno semântico da estética e da forma, trabalhando com binômios como bonito-feio, perfeito-imperfeito etc.

No esforço analítico pretendido neste artigo, o SA será empregado como uma ferramenta de geração de entendimentos sobre as formações avaliativas flagradas no excerto examinado. Aqui, a avaliação será compreendida não apenas como um meio de tecer valor sobre o mundo, mas também como uma forma de reconstruir em discurso o próprio mundo e as identidades dos indivíduos que nele interagem. Estabelece-se, assim, uma interface entre o SA e a concepção de linguagem endossada pela LA.

A LA advoga uma compreensão socioconstrucionista das identidades. Em vez de entendê-las como um elemento objetivo e essencialista, os partidários dessa escola veem o tecido identitário como um construto discursivo, que se alinhava no contato com o outro durante a interação. Como assinala Moita Lopes (2013, p. 30), as identidades se forjam “nos e pelos discursos (...) nos quais a pessoa circula”. Assim, o construir-se identitariamente é um ato subjetivo do indivíduo que, ao transitar por áreas sociais distintas, interage com os discursos presentes em tais espaços e, dialogando com eles, se edifica em palavras.

Conforme ensinado por Bakhtin (2010), todo enunciado proferido em algum circuito interacional é constituído por um cariz ideológico e outro axiológico. Há,

portanto, uma complementariedade mutuamente formadora entre a avaliação e a reconstrução do mundo (e de nós mesmos) em ideias. Como um resultado corolário dessa inter-relação, o entendimento dos expedientes valorativos empregados discursivamente se torna um aporte central para a compreensão do trabalho discursivo de tecelagem identitária, sendo tal interface explorada nesta análise como um instrumental de geração de saberes.

5.2 A interface entre LSF e LA como ferramental de análise discursiva

Nesta seção, a riqueza teórico-analítica da interface entre LA e LSF será ilustrada. O enodamento entre ambas as correntes de pensamento linguístico é estabelecido em torno da inter-relação entre avaliação e construção de identidades, aqui vislumbradas à luz do SA e da visão socioconstrucionista de discurso avançada pela LA.

Os dados analisados foram extraídos de uma pesquisa cujo enfoque principal eram narrativas sobre a vida na sala de aula de língua inglesa e a inter-relação entre os indivíduos integrados a tal contexto. Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética pertinente (CEPq/PUC-Rio - Parecer nº 25/2019), uma série de educadores e discentes foram entrevistados e tiveram suas narrativas sobre momentos vividos em sala de aula de língua inglesa registradas. Os dados aqui analisados foram gerados a partir de entrevistas semiestruturadas e registrados por um aplicativo de gravação instalado em um aparelho celular.

Um trecho da conversa com uma dessas entrevistadas, Michelle², professora de geografia em uma escola pública localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, será submetido ao escrutínio. Nesta análise, será examinada a forma como os aportes avaliativos empregados durante o diálogo se integram ao esforço de Michelle de construir discursivamente a si e a um de seus alunos:

² Nome fictício, sugerido pela própria participante.

1	Michelle	e ele tinha um comportamento horrível::: <u>nossa</u> (.) ele era um
2		terror (.) eu ouvia outros professores reclamar dele na sala mas eu
3		acho que ele era pior na minha sabe (.) não fazia nada
4		< <u>absolutamente nada</u> > (.) ele chegava, colocava o pé em cima da
5		mesa, ligava celular imagina (.) imagina a peça aí::: ã::: eu
6		fiquei aguentando essa situação durante várias aulas (.) tentei
7		tentei chamar pra conversar, procurei a coordenação que não deu
8		nenhum apoio (.) conversei com os outros alunos que só me
9		disseram coisas horrorosas dele::

No trecho em destaque, temos um pequeno segmento da entrevista com Michelle, em que a docente se vale de uma miríade ampla de recursos avaliativos para construir sua identidade como professora e a imagem de seu aluno de comportamento desviante. Os expedientes de valoração se entrelaçam com os traços identitários derramados em discurso pela participante, compondo um retrato ideológico-axiológico (Bakhtin, 2010) bem definido.

Michelle constrói-se identitariamente como uma professora abnegada, oprimida por um discente agressivo e desrespeitoso, ao passo que é abandonada pela gestão da escola. Em contrapartida, a narradora erige seu discente como um algoz, que age de maneira violenta sem qualquer justificativa.

Nas primeiras linhas do fragmento, a entrevistada tece um quadro avaliativo genérico do comportamento de seu aluno em suas aulas. Para tanto, a educadora se vale de um Julgamento de forte Gradação (Martin; White, 2005) acerca da postura do menino: **comportamento horrível** (linha 1). Ao cunhar sua avaliação sob a clave do Julgamento, Michelle inscreve um peso moral em seu jugo, atribuindo ao aluno indisciplina culpabilidade pelos seus atos. Coloca-se, assim, o primeiro tijolo na escultura discursiva da participante, construindo o discente como uma pessoa

moralmente condenável, que age com violência gratuita apenas pelo prazer de fazer o Mal.

Na linha seguinte, a participante altera sua perspectiva avaliativa, caracterizando o comportamento de seu aluno não mais à luz de um expediente moral (que também tem um fundo afetivo, o do sentimento de horror), mas através de uma valoração produzida sob a égide do Afeto: **terror** (linha 2). Enquanto o Julgamento concentra sua força avaliadora no ente avaliado, o escrutínio elaborado nos marcos do Afeto transfere o enfoque valorativo para o sujeito avaliador. Assim, o comportamento do aluno de Michelle não é apenas eticamente pernicioso, mas causa na docente experiências afetivas traumáticas.

Ser aterrorizado pelos atos de alguém significa que tais ações são aterrorizantes, uma caracterização eminentemente negativa. Portanto, o sentimento explicitado avaliativamente pela entrevistada contribui para o seu trabalho de construção identitária e edificação da imagem depreciativa de seu discente. A professora se apresenta como uma vítima assujeitada pelo comportamento gerador de terror de seu aluno. Este, em contrapartida, é reconstituído em discurso com cores desqualificantes, sendo pintado discursivamente como um opressor, que age de maneira violenta, não sendo apresentada qualquer motivação ponderável para tais atitudes.

No desenrolar de sua narrativa, Michelle se esforça para conferir musculatura de credibilidade à suas avaliações, esteando-as, assim, em visões similares compartilhadas por outros indivíduos. O SA classifica esse tipo de expediente discursivo-axiológico como expansão dialógica (Martin; White, 2005), recurso empregado como fito de endossar uma avaliação no pensamento e nas opiniões análogas de outrem. No fragmento destacado, a professora terceiriza sua valoração negativa do aluno-algoz para outros sujeitos inseridos na interação.

Por um lado, os outros professores da escola também reclamavam de maneira recorrente desse jovem (linha 2); por outro, os próprios colegas de escola do aluno nutriam por ele uma visão depreciativa: **só me disseram coisas horrosas dele** (linha

9). Esse jogo de movimentos avaliativos corrobora o projeto de construção discursiva de Michelle, se esculpindo identitariamente como uma professora dedicada, porém vitimada pela violência discente; e compõe um retrato de seu aluno: visto como violento por todos que lhe conhecem.

Porém, apesar de recorrer à expansão dialógica (Martin; White, 2005) para reforçar sua posição avaliativa, a entrevistada marca uma distinção axiológica importante em sua experiência da violência do aluno algoz: seu sofrimento perante os atos desse discente é ainda mais grave que o dos demais educadores da escola. Logo após empregar a visão de seus colegas para corroborar seu juízo negativo, Michelle estabelece uma gradação comparativa, qualificando a violência por ela arrostada como superior àquela vivenciada pelos demais professores: **eu acho que ele era pior na minha** (linhas 2 e 3).

Para endossar esse cotejamento, a entrevistada valora novamente a postura do discente em suas aulas: **não fazia nada <absolutamente nada>** (linhas 3 e 4). Novamente, estamos diante de um recurso avaliativo de alta Gradação produzido sob a chave do Julgamento (Martin; White, 2005), que contribui para a construção dupla da imagem do aluno como um sujeito violento e dotado de comportamento nocivo à coletividade e da docente como uma profissional subjugada pela violência, mas que segue no desempenho de suas funções quase como uma mártir.

A descrição do comportamento indisciplinado do discente (linhas 4 e 5), apresentado como uma rotina permanente, traz novos elementos para a construção identitária da narradora como uma professora de perfil quase heroico, que arrosta de maneira tenaz o sofrimento infringido por seu aluno violento.

Esse quadro é endossado por mais uma avaliação de caráter ambivalente (negativo em relação ao aluno e positivo em relação à docente) sobre a rotina de violência experienciada por Michelle: **eu fiquei aguentando essa situação por várias aulas** (linhas 5 e 6). Por um lado, essa resiliência materializada no comentário da participante contribui para a consolidação de sua identidade como uma professora

acolhedora, que mesmo diante do sofrimento infringido pelo aluno mantém uma posição de tolerância. Tal edificação identitária tem como um dos seus insumos fundamentais a avaliação cunhada na clave do Afeto (Martin; White, 2005) inscrita no emprego do termo **aguentando**. Aguentar significa suportar com algum grau de força algo ruim. Coisas boas são usufruídas, não suportadas. Portanto, quando alguém diz que aguenta algo, constrói-se identitariamente como uma pessoa forte e virtuosa, dotada de energia e capacidade de resistência para suportar o penar em nome de algum ideal ou valor maior.

Por outro lado, a necessidade de Michelle permanecer **aguentando a situação** causada por seu aluno adiciona mais um elemento ao quadro avaliativo atribuído ao jovem. Essa valoração concebida sob a égide do Afeto (Martin; White, 2005) estabelece discursivamente uma relação de causalidade entre a miséria arrostada pela docente e as atitudes indisciplinadas do discente.

A atuação pedagógica de Michelle ganha contornos de martírio por conta da vilania do comportamento de seu aluno algoz. Há uma interdependência entre a construção identitária de Michelle e a imagem edificada em discurso de seu aluno, sendo esse enlace materializado linguisticamente pela trajetória complexa de avaliações erigidas pela participante no fragmento aqui examinado.

Como foi possível observar ao longo dos parágrafos anteriores, os instrumentos analíticos disponibilizados pelo SA, com seu condão de sistematizar e mapear os expedientes avaliativos no discurso, se integram em uma lógica de complementariedade com a concepção socioconstrucionista de identidades advogada pela LA. Há um mútuo enriquecimento no emprego conjunto de ambos os arcabouços teórico-analíticos.

Enquanto as categorias de análise da avaliatividade geram sentidos importantes sobre a forma como a valoração na linguagem contribui para a construção de identidades, o entendimento acerca de como o discurso é operado no afã de viabilizar uma variedade de construções identitárias nos permite ter uma visão mais

aprofundada e abrangente dos diferentes modos como a valoração é produzida nas nossas interações.

Ilustrado o emprego da interface formada pela LSF e a LA, na seção seguinte, alguns dos entendimentos gestados neste artigo são discutidos e apresentam-se alguns apontamentos pertinentes a essa proposta de caldeamento teórico-analítico.

6 Considerações finais

Apesar de algumas controvérsias, atribui-se a Gilberto Freyre o pioneirismo no estabelecimento de um diálogo sistemático entre duas áreas fundamentais do estudo da vida humana: a sociologia e a antropologia. Criticado por conta do hibridismo estilístico e epistemológico que contaminava seus escritos, o autor pernambucano se insurgiu contra “sociólogos para os quais fora da sistemática e da linguagem durkheimiana não há de modo algum Sociologia” (Freyre, 1958). A eles, o pensador dos Apipucos perguntou: “Mas serão os durkheimianos os donos exclusivos da moderna Sociologia?” (Freyre, 1958).

Essa disputa entre apologetas do purismo das ciências e da polimerização das diferentes áreas do pensamento, como demonstrado na polêmica entre Freyre e Ianni exposta na introdução deste escrito, galvaniza o debate em torno da constituição do campo das ciências da vida humana em sociedade no Brasil desde os seus pródromos. No campo dos estudos da linguagem, os defensores de uma visão predominantemente abstrativa do fenômeno linguístico tendem a prescrever uma delimitação clara e rigorosa do campo de investigação desse objeto, perfilhando a tradição saussuriana de demarcação estrita do terreno da Linguística.

Neste artigo, contudo, adotamos uma postura de contestação dessa visão estanque e limitante do processo de construção de saber sobre a linguagem e sua inter-relação com o mundo social. Entendendo a compatibilidade do diálogo entre a LSF e a LA, promoveu-se aqui uma proposta de interface entre ambas as escolas de pensamento, destacando-se o enriquecimento e a complementariedade gerada por tal

diálogo. Foi realizada a análise de um fragmento interacional, tendo como ponto nodal entre as duas correntes linguísticas em tela o enlace entre o Sistema de Avaliatividade e a concepção socioconstrucionista de construção das identidades pelo discurso. A breve ilustração de análise deixou patente o potencial epistemológico do caldeamento entre os dois arcabouços teóricos.

O entendimento mais aprofundado sobre a dinâmica avaliativa nos permite vislumbrar de maneira mais nítida a tessitura das identidades em discurso; enquanto, ao mesmo tempo, a sensibilidade em face da mobilidade e da fluidez identitária nos amplia o horizonte de inteligibilidade sobre o fenômeno da avaliação e sua materialização linguística. Estabelece-se, portanto, uma relação ganha-ganha entre as duas correntes teórico-analíticas, capaz de incrementar as possibilidades investigativas de pesquisadores(as) vinculados(as) a ambos os domínios do estudo linguístico-discursivo.

Todavia, mais do que a promoção de diálogos casuais entre áreas do saber convergentes, os resultados patenteados neste artigo advogam uma postura permanente e contundente de defesa da hibridização dos campos científicos e dos rincões epistemológicos. Esta iniciativa, assim, ancora-se na militância liderada pela LA em nome do apagamento das fronteiras rígidas entre os territórios teóricos e a dessacralização dos expedientes metodológicos. Sendo o mundo, a sociedade e a linguagem entrelaçada das formas mais complexas e proteicas, a ciência que se debruça sobre tal campo aberto deve se valer de toda a riqueza inscrita nas diferentes plagas do saber para construir formas criativas de devassar o fausto da vida humana. Advoga-se aqui, em linha com os preceitos fundadores da LA, a promoção de uma mestiçagem epistemológica radical, em que as interfaces formadas entre diferentes áreas do saber pavimentem o caminho para a superação definitiva da própria lógica cartográfica de encarceramento do conhecimento em gavetas científicas.

Referências

- AMORIM, M. Linguística Aplicada Indisciplinar. **Revista Philologus**, v. 43, 2009. p. 119- 125.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989.
- BUTLER, J. **Undoing Gender**. Londres: Routledge, 2004. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203499627>
- CELANI, M. A. Afinal, o que é LA? *In*: PASCHOAL, Mara.; CELANI, Maria Antonieta. **Linguística aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: Educ, 1992.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, 2017. p. 1-19. DOI <https://doi.org/10.1590/1984-6398201711426>
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, L. F.; MOITA LOPES, L. P. Vivenciando a outridade: escalas, indexicalidade e performances narrativas de universitários migrantes. **RBLA**, 19 (1), 2019. p. 147-172. DOI <https://doi.org/10.1590/1984-6398201913696>
- FREYRE, G. M. A propósito de Sociologia. *In*: **Diário de Pernambuco**. Recife, 27/07/1958. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/161519103.pdf>.
- FREYRE, G. M. **Sobrados & Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano**. 2. ed., v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- GEE, J. **An introduction to Discourse Analysis: theory and method**. Londres: Routledge, 2005.
- HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2. ed. Londres: Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An Introduction to Functional Grammar**. Londres: Routledge, 2014. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203783771>

HAO, J. **Analysing Scientific Discourse from a Systemic Functional Linguistic Perspective**: a framework for exploring knowledge building in Biology. Abingdon: Routledge, 2020. DOI <https://doi.org/10.4324/9781351241052>

HJELMSLEV, L. **Prolégomènes à une théorie du langage**. Paris: Minuit, 2001.

IANNI, O. A Sociologia de Gilberto Freyre. **Revista Anhembi**. ano VIII, n. 92, v. 31, 1958.

LEFFA, V. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada**: o ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. p. 211-236.

MARKEE, N. Applied linguistics: What's that? **System**, 18, 1990. p. 315-323. DOI [https://doi.org/10.1016/0346-251X\(90\)90004-O](https://doi.org/10.1016/0346-251X(90)90004-O)

MARTIN, J; WHITE, P. **The language of evaluation**. Grã Bretanha: Pelgrave/Macmillan, 2005.

MILLER, I. Formação inicial e continuada de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In: MOITA LOPES, L. P. **Linguística Aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, v. 1, 2013. p. 99-121.

MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. pp. 13-43.

MOITA LOPES, L. P. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. São Paulo: Parábola, 2013.

NÓBREGA, A. N. **Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico**: abordagem sociocultural e sociossemiótica. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras, 2009.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics**: A Critical Introduction. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2001. DOI <https://doi.org/10.4324/9781410600790>

PONTES DE MIRANDA, F. **Introdução à sociologia geral**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (org.). Paris: Payot & Rivages, 2005.

VYGOTSKY, L. The problem of the environment. *In*: VAN DER VEER, R; VALSINER, J. (ed.), **The Vygotsky reader**. Oxford, UK: Blackwell, 1994 (1934). p. 338-354.

WIDDOWSON, H. Object language and the language subject: On the mediating role of Applied Linguistics. **Annual Review of Applied Linguistics** 20, 2000. p. 21-33. DOI <https://doi.org/10.1017/S0267190500200020>